UM CONVITE AO LAZER: O SURGIMENTO DO SKATE ATRAVÉS DAS PÁGINAS DA REVISTA *POP* (1972 – 1979)

Leonardo Brandão[1]

RESUMO: Buscamos neste artigo elaborar alguns conhecimentos sobre o início da prática do skate no Brasil num período em que ele ainda não era retratado pela mídia como um esporte radical. Embora tal atividade tenha surgido no país em fins da década de 1960, foi somente a partir do começo da década seguinte que ela passou a ser divulgada através da mídia impressa, sobretudo, através da Revista *Pop*. Observamos, neste momento inicial, que a prática do skate esteve muito próxima à prática do surf, sendo o skate noticiado, com muita freqüência, como um "surf de asfalto". Ao final do artigo, sugerimos que ao retratá-lo como uma atividade excitante e próxima aos prazeres do surf, a revista *Pop* colaborou para a promoção do skate como algo pertinente à formação de uma mais ampla variedade de lazeres juvenis que, posteriormente, tomaram a forma de esportes radicais.

PALAVRAS-CHAVE: skate; surf; corpo; juventude.

ABSTRACT: We seek in this article, to develop some knowledge about the beginning of the practice of skateboarding in Brazil, at time when it still was not portrayed by the media as an extreme sport. Although this activity has arisen in the country in the late 1960s, it was only from the beginning of the next decade it became disseminated through the print media, mainly through the Pop magazine. We noticed, this first time, that the practice of skateboarding was very close to surfing, and skateboarding reported, with great frequency, as an "Asphalt Surfing". At the end of the article, we suggest that by portraying it as an exciting activity and close to the pleasures of surfing, the Pop magazine collaborated to promote skateboarding as something relevant to the formation of a wider variety of youth recreation, which subsequently took the form of extreme sports.

KEYWORDS: skateboarding; surfing; body; youth.

[1] Doutorando em História pela PUC/SP.

> *Se perguntarmos de que modo é que se animam os sentimentos, como é que a excitação é favorecida pelas atividades de lazer, descobre-se que isso é dinamizado, habitualmente, por meio da criação de tensões. Perigo imaginário, medo ou prazer mimético são produzidos e possivelmente resolvidos no quadro dos divertimentos.* (ELIAS, 1992, p. 71)

> *O uso de bicicletas e o recorrente crescimento da Caloi e da Monark, a promoção de patins, skates, asas voadoras, do surf e windsurf e o frenesi das discotecas do final da década de 70 já se tornavam alguns dos símbolos da juventude e, em geral, incluíam a necessidade de ser veloz tanto no uso do tempo quanto no consumo dos espaços.* (SANT'ANNA, 1994, p.99)

Foi durante a década de 1970, em plena ditadura militar, que os esportes praticados à maneira californiana[2] – chamados posteriormente de esportes radicais - começaram a seduzir, muito mais do que nas décadas anteriores, uma quantidade significativa de jovens no Brasil. Vistos como um misto de lazer e aventura numa época marcada por um maior controle social e comportamental, tais atividades ofereciam aos seus praticantes uma alternativa para manifestar excitações em público. Como colocou Norbert Elias, os esportes e demais atividades de lazer que envolvem algum tipo de risco – como é o caso de práticas como o skate, surf, windsurf etc. – podem "ter um efeito libertador, catártico, mesmo se a ressonância emocional ligada ao desígnio imaginário contiver, como habitualmente acontece, elementos de ansiedade, medo ou desespero" (ELIAS, 1992, p. 79). Para o autor, o risco – indo até o limite – é primordial para uma série de atividades corporais, sendo que "numerosos tipos de lazer integram, como uma das suas características principais, um elemento de risco, um brincar com o fogo" (ELIAS, 1992, p. 176).

Certamente, foi por este *Ilinx*[3] que "curiosamente fez das sensações de instabilidade uma fonte de prazer" (POCIELLO, 1995, p. 118) que essas novas

[2] O termo "esportes californianos" é proveniente dos estudos de Christian Pociello. A partir do final da década de 1970, mas sobretudo em meados da seguinte, a mídia impressa e televisiva passou a considerar tais práticas, como o skate e o surf, como "esportes radicais". VIGARELLO, Georges. D'une nature... l'autre: Les paradoxes du nouveau retour. In: CHRISTIAN POCIELLO (Org.). *Sports et Sociétés*: approche socio-culturelle de pratiques. Paris: Vigot, 1987. p. 247.

[3] De acordo com Roger Caillois, os jogos de *Ilinx* se baseiam na busca pela vertigem e buscam destruir por um instante a estabilidade da percepção, infligindo à consciência uma espécie de pânico voluptuoso. Trata-se de alcançar, em situações máximas de êxtase, uma espécie de espasmo, de transe. CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens*: a máscara e a vertigem. Lisboa: Cotovia, 1990. p. 43.

práticas foram reconhecidas socialmente enquanto atividades com especificidades distintas das demais modalidades esportivas conhecidas até então; o que significou para seus jovens praticantes a chance de explorarem movimentos e técnicas corporais antes desconhecidas, impondo novos desafios e limites simbólicos ao corpo. Ao observarmos as páginas da revista *Veja* durante a década de 1970, percebemos que essas novas atividades apresentavam-se como umas das principais expressões da juventude no período,

> Se seus antecessores usaram o som e a voz (refere-se aos jovens da década de 1960), os jovens da década de 70 preferiram o corpo. Em terra, no mar ou no ar, o movimento corporal, ou os "embalos", foi a mais evidente forma de expressão da juventude dos anos 70. Mexendo-se, os jovens comunicaram sua alegria e curtiram, um verbo que a década inventou para indicar o prazer gratuito. E adotaram como moda o que pudesse exercitar o corpo: patins, skate, asa voadora, windsurf [...] A busca de movimentos livres foi uma constante dos jovens esportivos da década. Deslizar foi a curtição: deslizar nas calçadas, no ar, como gigantes pássaros ou lançando pequenas imitações de discos voadores. Em todos, sempre o mesmo desafio: manter o equilíbrio. Esse esforço permanente sobre patins, skates, pranchas, debaixo de asas voadoras, deu a ilusão de que o esporte nos anos 70 foi uma espécie de bailado de corpos desafiando a gravidade (Revista *Veja*, 26 de dezembro de 1979, p. 60-61).

Essa expansão – via Estados Unidos – dessas novas práticas corporais durante a década de 1970 representou uma mudança bastante significativa no cenário dos exercícios físicos praticados ao ar livre, alterando visivelmente as cores e o ritmo da paisagem de diversas cidades no Brasil. Nesta época, como sabemos, o país encontrava-se numa realidade bastante singular, marcada tanto por uma acelerada urbanização e crescimento populacional em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo[4], quanto por restrições políticas e coibições à liberdade de expressão. A década de 1970, no Brasil, combinava os paradoxos da inauguração de novas formas de sociabilidade e lazer com o fechamento político promovido pela ditadura militar (RAGO, 2007, p. 50). Vivíamos um momento contraditório, onde coexistiam tanto técnicas de

[4] "Nos anos 1970, a população da região metropolitana de São Paulo ultrapassou o número de 10 milhões de habitantes: quintuplicou num período de apenas 20 anos. No Grande Rio de Janeiro, já havia mais de 8 milhões de habitantes: 4 vezes mais do que em 1950". DIAS, Cleber Augusto Gonçalves; MELO, Victor Andrade de. Lazer e urbanização no Brasil: notas de uma história recente (1950/1970). In: *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 253, 2009.

controle dos corpos quanto investimentos libidinais pelos usos e conquistas de uma nova corporalidade.

Assim, em meio à paisagem endurecida da ditadura militar irrompeu uma proliferação de atividades lúdicas, lazeres e equipamentos esportivos que ganhou espaço em meio a uma renovação editorial bastante significativa para a época (ABREU, 2002, p. 18). Dentre as revistas publicadas, destacamos para nossos propósitos a Revista *Geração Pop* - chamada somente como *Pop* a partir de sua edição de número 32 - como uma mídia em diálogo com os anseios e valores de uma categoria social de crescente importância no período: os jovens. De fato, no Brasil, ela foi o primeiro veículo da mídia impressa a retratar uma noção internacionalizada de juventude e associá-la ao *rock*, à moda, ao lazer e a essas novas atividades físicas oriundas da Califórnia/EUA, em especial, às práticas do surf e do skate.



Figura 1: Revista *Pop*, n. 72, 1978.

Publicada com periodicidade mensal pela editora Abril entre novembro de 1972 e agosto de 1979, essa revista chegou a contar com 82 edições em seus quase sete anos de existência e atingir um considerável público leitor para a época, pois, de acordo com a declaração de sua editora, a revista *Pop* "vendia pelo menos 100 mil exemplares mensais" (MIRA, 2001, p. 155).

Diferentemente das demais revistas posteriormente publicadas e voltadas exclusivamente para a prática dessas atividades – as quais podemos considerar como "mídias de nicho"[5] - a revista *Pop* guarda uma importante peculiaridade que necessita ser comentada, pois ela não foi uma revista de skate, de surf ou de windsurf, mas sim uma publicação que aliava a divulgação da música *Pop* (sobretudo o rock) com diversos temas vistos como de interesses juvenis. A própria Abril, ao buscar defini-la, lembrava essa característica plural da revista,

> Única revista brasileira especialmente dirigida à juventude, *Pop* junta em suas páginas a seriedade de assuntos como orientação profissional e relacionamento com os mais velhos com "dicas" sobre os discos "quentes" do momento, "jeans" enfeitados, viagens de muita "curtição" e a turma da "pesada" do rock. Com essa receita editorial, a revista atinge, todos os meses, centenas de milhares de rapazes e moças, entre 14 e 20 anos". (MIRA, 2001, p. 154-155).

Focada, portanto, no público juvenil ("rapazes e moças entre 14 e 20 anos"), a revista *Pop* utilizava-se de inúmeras gírias existentes na época para elaborar um clima de maior proximidade com seus leitores e, com isso, gerar certa intimidade na hora da leitura. Em suas páginas, podemos encontrar as primeiras tentativas de formulação de uma linguagem identificada com interesses juvenis e também os primeiros registros do processo inicial de concepção de produtos midiáticos que possuem na juventude um consumidor em potencial.

Como já colocamos a revista *Pop* não foi uma revista de skate, mas noticiava esta prática cultural com certa regularidade, buscando associá-la, de acordo com as palavras de seus editores, à "totalidade da cena *teen*" (MIRA, 2001, p. 155). Assim, numa espécie de bricolagem de temas e assuntos identificados como juvenis, a *Pop* ajudou na construção de uma imagem da juventude no período. Nas palavras do pesquisador Luís Fernando Rabello Borges,

[5] Sobre o conceito de "mídias de nicho", ver: THORNTON, Sarah. *Club cultures*: music, media and subcultural capital. Hanover/EUA: Wesleyan University Press of New England, 1996.

> A revista *Pop*, em sua intenção de abordar a cultura pop como um todo, acabou propondo englobar, em uma única revista, 'todos` os temas pretensamente de interesse do público jovem. Assim, apesar de se tratar, antes de mais nada, de uma revista de música, nela constam também textos sobre moda, esportes, comportamento e outros assuntos. Em outras palavras, trata-se de uma publicação segmentada a um público-alvo específico, não chegando a apresentar um tematização característica de revistas atuais como a *Frente* (sobre música) e a *100%* (relativa à prática do skate)". (BORGES, 2003, p. 8).

Segundo a historiadora Denise Bernuzzi de Sant'Anna, embora a revista *Pop* tivesse na música sua ancoragem central, ela também passou a "atrair milhares de jovens da classe média e aproximá-los do mercado especializado na venda de novos acessórios e roupas para as atividades esportivas em expansão" (SANT'ANNA, 2005, p. 08). Na década de 1970, dentre estas "atividades esportivas em expansão", encontravam-se de forma reticente nas páginas da revista *Pop* tanto o surf quanto o skate. Segundo Luís Fernando Borges, o propósito da revista era justamente o de buscar um contato com o público jovem, e para isso ela veiculava as últimas novidades surgidas no acelerado mundo da cultura juvenil, recheando suas páginas de artistas como "Elton John, Secos & Molhados, os últimos campeonatos de surf e skate" (BORGES, 2003, p. 07).

De fato, a *Pop* coroava em suas páginas um investimento na cultura juvenil que desde pelo menos os anos 50 do século XX já vinha sendo feito no Brasil. Conforme coloca Sant'Anna, foi a partir do final da década de 1950 que a imprensa brasileira passou a demonstrar o quanto o brilho de uma "juventude transviada ofuscava a placidez de formalidades e austeridades até então vigorosas" (SANT'ANNA, 2008, p. 60). Se a juventude e a modernidade, nos idos anos JK, passavam a combinar perfeitamente com a expansão do consumo, a década seguinte já preparava ainda mais o ambiente para se investir na compra de produtos industrializados enquanto um passaporte para felicidades e construções de novas aparências. Nas palavras da autora, "desde o começo da década de 1960 até os dias atuais, a construção de si, incluindo o corpo e os sentimentos que nele se expressam, passou a ocupar um lugar central na cultura de massas" (SANT'ANNA, 2008, p. 64).

A *Pop* se valia desse consumo juvenil como alavanca para conseguir patrocinadores e, ao mesmo tempo em que idealizava, também retratava os modos e costumes dos jovens de então. Entre esses costumes, como já

colocamos, figurava de forma reticente nas páginas da *Pop* a prática do skate. De uma forma geral, é possível afirmarmos que o skate foi inicialmente apresentado ao público leitor da *Pop* como uma derivação do surf, como uma espécie de "surf de asfalto". Posteriormente, do final de 1976 – mas principalmente a partir de 1977 - até o término da revista, o skate passou a ser retratado com uma maior autonomia em relação ao surf, sendo apontado como um esporte com peculiaridades próprias. O início da construção das pistas de skate, dos campeonatos e do recém inventado profissionalismo na categoria ajudam a explicar essa mudança.

Mas o que percebemos ao analisar as primeiras reportagens veiculadas pela revista *Pop* acerca da prática do skate, principalmente as publicadas entre 1975 e 1976, é que a construção desta atividade esteve muito associada ao surf e a um perfil de juventude entregue aos prazeres do corpo. Embora seja possível debatermos questões relativas ao mercado e ao consumo, não era com intenções alheias a uma exaltação do lazer que esta atividade passou a ser registrada nesta revista como um signo juvenil.

No período em questão, marcado pela introdução do skate no rol das práticas corporais promovidas a partir de elementos lúdicos, como as pranchas de surf ou *body-board*, a questão da competição não era algo tão flagrante como o que passaria a ocorrer a partir do ano de 1977, quando essa mesma revista passou a evidenciar outras características do skate, representando-o já inserido num processo de esportivização[6]. Mas antes dessa articulação entre a idéia de skate com a idéia de esporte, precisamos compreender como foi possível assegurar a permanência dessa atividade entre os jovens, uma vez que competições, lucros ou patrocínios ainda não se faziam presentes ou não eram determinantes para a organização desta prática cultural.

Se não podemos responsabilizar a revista *Pop* por ter criado nos jovens o desejo de experimentar o skate – pois certamente tal pulsão ocorria nos espaços de sociabilidade e era motivada pelas experiências concretas vividas nos lugares onde esta atividade passava a ser exercida – podemos, no entanto, sugerir que ela colaborou para a promoção do skatismo[7] como algo pertinente

[6] Entendemos por "esportivização", segundo Gonzáles, o processo de transformação de práticas corporais em atividades de competição. GONZÁLES, F. J. Esportivização. In GONZÁLEZ, F. J. E; FENSTERSEIFER, P. E. (Orgs.). *Dicionário crítico de educação física*. Ijuí: Unijuí, 2005.

[7] Consideramos skatismo tanto a prática do skate (sua ação) quanto o universo de valores e representações culturais que fizeram – e ainda fazem - parte da construção do objeto skate como uma cultura jovem, urbana e, de acordo com os meios de comunicação de massa, radical.

ao jovem, ou melhor, a um ideal de jovem que era interessante e condizente com a sua linha editorial. Deste modo, se tínhamos uma revista direcionada para uma juventude com possibilidades e recursos suficientes para "curtir a vida", a sedução que deveria partir do skate tinha já seu itinerário, e com ele, as palavras mágicas que poderiam acessar tais jovens: prazer, velocidade, emoção!

PRAZERES (E PERIGOS) SOBRE PRANCHAS

As relações entre a prática do surf e a do skate guardam respaldo nas páginas da *Pop* mas também em outras mídias e na memória de skatistas atuantes durante o final da década de 1960 e início da seguinte. Sabemos que a introdução do skate no Brasil ocorreu em meados da década de 1960 - principalmente na cidade do Rio de Janeiro - através de alguns surfistas cariocas que surfavam no Arpoador e que acabaram por descobrir a existência do skate nas páginas de revistas norte-americanas destinadas ao surf, como a *Surfer* e a *Surfing,* as quais passaram a exibir, além do surf, também imagens de skate (CHAVES, 2000, p. 13).

De acordo com o pesquisador Tony Honorato, "há rumores do surgimento do skate no Rio de Janeiro em 1964, mas como nada foi documentado torna-se difícil apontar o ano de forma precisa" (HONORATO, 2004, p. 01). Há um vídeo-documentário, intitulado *Maria Angélica*[8]*,* produzido por Vanessa Favilla e dirigido por Alexandre Moreira Leite no ano de 2005 que apostou na versão do Rio de Janeiro como o berço do skate. Segundo uma matéria do jornal O Globo[9], intitulada "Maria Angélica: a rua que inventou o skate no Brasil", este vídeo sugere que foi neste local (a Rua Maria Angélica) onde houve um dos primeiros redutos da prática do skate no país.

Pela chamada Rua Maria Angélica, os jovens deslizavam do ponto mais alto até a esquina com a transversal J. Carlos, onde paravam e esperavam os carros subirem para, agarrados em seus pára-choques, transitarem pelo caminho inverso ao declive. O jornalista Guto Jimenez, em um texto chamado "Maria Angélica: uma ladeira de História"[10], comentou que era comum, durante o início da década de 1970, ver cerca de trinta jovens "despencando a

[8] É possível assistir ao vídeo-documentário *Maria Angélica* acessando o seguinte endereço eletrônico: <http://video.google.com/videoplay?docid=7604199527388618857#>. Acesso em: 1º jul. 2010.

[9] Jornal *O Globo*, 13 de janeiro de 2005, p. 16.

[10] Revista *Tribo Skate*, n. 113, 2005, p. 89.

ladeira todos os dias". Nos finais de semana, apontou Jimenez, a rua parava, em média, com cem jovens.

No início de sua prática no país, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, por inexistirem lugares "específicos" e "adequados" ao uso do skate, uma série de coibições - como dá testemunho uma matéria veiculada na revista *Veja* - foram imputadas contra essa atividade. De acordo com a *Veja*,

> Muitas vezes, ao final de uma descida, os skatistas encontravam grupos de policiais encarregados de proibir novas investidas, sob a alegação de que era grande o perigo representado por esse surfe de asfalto, outro nome do skate. Na rua, segundo se argumentava, haveria transtornos com relação ao trânsito. E, sem dúvida, sobreviriam muitos atropelos se os skatistas resolvessem correr sobre as calçadas. O skate passou a ser, então, para escapar ao rigor policial, um divertimento noturno – e não foram poucos os pais a ser convocados, em plena madrugada, até às delegacias de seus bairros, para levar os filhos, detidos sobre as condenadas pranchas de rodas (Revista *Veja*, 3 de novembro de 1976, p. 70).

Embora em edições anteriores esta mesma revista tenha colocado que os únicos problemas que os skatistas enfrentavam eram as "quedas duras"[11], ela não tardou a lembrar de uma outra questão certamente muito maior, ou seja, a coibição a esta atividade nas ruas das grandes cidades, como o Rio de Janeiro e São Paulo. Não há em outras edições da revista *Veja* – ou mesmo nas publicações especializadas em skate que surgiram a partir de 1977 - referências a este episódio, no entanto, através do trabalho de campo foi possível localizarmos alguns skatistas remanescentes deste período, em especial o skatista paulistano João Bruno Leonardo Júnior - mais conhecido como Bruno "Brown", o qual fez parte dessas primeiras gerações de skatistas brasileiros (tendo se profissionalizado nesta atividade) para explicar este episódio pouco conhecido da história do skate e que somente com a pesquisa documental tornou-se de difícil apreensão.

Bruno "Brown", que atualmente possui uma loja destinada exclusivamente à venda de peças e assessórios para a prática do skate, chamada "*Wave Boys*" e localizada na Galeria Ouro Fino, em São Paulo, concedeu-nos uma entrevista bastante elucidativa acerca do início – conturbado - do skate nesta cidade. Este skatista, que começou a praticar no ano de 1973, recorda que morava na Alameda Casa Branca, no Bairro Jardins em São Paulo, tendo

[11] Revista Veja, 24 de outubro de 1973, p. 58.

começado nesta atividade por influência de um vizinho que, na época, já era skatista.

De acordo com Bruno "Brown", primeiro eles andaram pelas ruas do bairro onde moravam, mas por volta de 1974 começaram a procurar ladeiras com um bom asfalto para "andarem de skate". Foi assim que "migraram" para a Rua Queiroz Guimarães, que tinha o apelido de "tapetão" entre os skatistas. A Rua Queiroz Guimarães ficava no Morumbi, e de lá os skatistas desciam deslizando até o cruzamento com a Rua Francisco Morato. Mas assim que começou o movimento dos skatistas por lá, recorda Bruno, os problemas começaram a surgir: acidentes, tombos com graves conseqüências e o aglomerado de muitos jovens num mesmo local inauguravam talvez as primeiras das muitas restrições que o skate ainda teria em sua história. Após ter "feito a cabeça" de muitos jovens, o skate foi proibido na cidade no ano de 1975. Nas palavras de Bruno "Brown",

> Por causa da quantidade de pessoas, balburdia e tal, ficava por volta de quinhentos skatistas ou mais nessa rua, e carro e moto, aí começou a dar muito acidente, e aí proibiram, proibiram o skate geral em São Paulo. Porque morreu gente, não tinha equipamento, o skate era pequeno....Tinha muita gente, e lá virou um centro – refere-se a Rua Queiróz Guimarães - e os caras mandavam polícia lá direto, "nego" ia preso, aí tinha que chamar os pais e pegar o skate na delegacia... Mas é que era muita gente andando de skate, era tipo incontrolável. E quando chegava o camburão era "nego" pulando para tudo quanto é lado, pulando os muros das casas e tudo. Porque o skate foi proibido mesmo, você ia preso mesmo, porque morreu muito filho de gente importante. Saiu até no jornal, saiu no Estado de São Paulo, em 1975, nunca mais esqueci, a chamada era assim: "Skate o esporte assassino: proibido". Porque o skate era moda, moda mesmo da época né!. Aí teve essa confusão toda e fizeram a rua do lazer, que era a circular do bosque no Morumbi, e sábado e domingo colocavam cordas no início e no fim, e aí virou a rua do skate. E ficou chamada a rua do lazer: skate. E a gente andava lá.

Como escreveram os sociólogos Norbert Elias e Eric Dunning, o lazer pode produzir-se como excitação agradável e cumprir uma função de destruição da rotina, no entanto, este "despertar socialmente consentido de emoções em público" (ELIAS, 1992, p. 323) está sujeito a formas de controle social e práticas de limitação. Proibido, o skate passou a ser alvo de severas coibições e processos de disciplinarização, como a delimitação de uma área

restrita para esta atividade, a "rua do lazer: skate", identificada por Bruno "Brown" como a "circular do bosque no Morumbi". No entanto, antes disso acontecer, o jornalista Luiz Carlos Azevedo, em reportagem publicada pela revista *Manchete* neste mesmo ano de 1975, descreveu em uma matéria intitulada "A guerra do skate", as fortes repressões que os skatistas começaram a sofrer por praticarem um "esporte proibido". Na chamada para a matéria, líamos: "Em São Paulo, os garotos que desfilam nas ladeiras de asfalto foram cercados por policiais armados de metralhadoras". De acordo com o jornalista, o que aconteceu foi que, no dia 21 de setembro de 1975, "soldados da PM cercaram, na Rua Queiroz Guimarães, em Morumbi, mais de 100 skatistas – entre rapazes e garotas – sob a mira de metralhadoras". Sentindo o ato como um abuso de poder, o pai de um dos garotos, que era advogado, tentou interceder e acabou sendo preso. De acordo com a reportagem de Luiz Carlos Azevedo,

> O pai de um dos garotos, avisado por telefone e sendo advogado, correu ao local onde estava havendo a violência. Carlos Augusto Calmon Navarro da Silva Ribeiro, o advogado, quis retirar seu filho Luís Fernando, 15 anos, e mais três amigos dele da "praça de guerra". Tentou argumentar que não era atribuição dos policiais manter os jovens imobilizados sob a mira de armas de grosso calibre. Mas quando quis se retirar com sua mulher, filho e os três outros garotos, foi impedido. "Um deles me apontava um revólver, calibre 38, engatilhado, e o outro uma metralhadora, calibre 45, pronta para disparo", recorda o advogado, que preferiu ficar parado, mas não deixou de protestar. Vários policiais tentaram apoderar-se de chaves do seu carro, e, como ele não cedeu, outros policiais apertaram o cerco ao veículo. Na confusão, surgiu o Segundo-Tenente Marino Lúcio Vasconcellos Marcucci, que deu voz de prisão ao advogado.[12]

A proibição à prática do skate mencionada na reportagem da revista *Veja*, este episódio ocorrido na Rua Queiroz Guimarães retratado pela revista *Manchete* e também o relato do skatista Bruno "Brown" nos ajudam a compreender que, durante a década de 1970, "os espaços adequados para o lazer passavam a ser um problema metropolitano" (DIAS, MELO, 1994, p. 89), fazendo com que a produção destes lugares se tornasse mais assiduamente uma questão arquitetônica a ser discutida nos planejamentos urbanos.

[12] Revista *Manchete*, 25 de outubro de 1975, p.19.

Assim, se não era somente com os tombos que os skatistas tinham que se preocupar, a "sobrevivência" do skate, "apesar de tudo", como comentou a revista *Veja*[13], deveu-se principalmente ao fato desta prática começar a trilhar os caminhos de uma esportivização, o que posteriormente resultou na organização de campeonatos, pistas específicas para esta prática e o surgimento de fábricas especializadas na produção e comercialização de skates e demais produtos que a ele passaram a ser associados, como roupas e equipamento de proteção.

*

Embora a revista *Pop* tenha divulgado – como ainda demonstraremos com maior ênfase nos próximos tópicos – a prática do skate como algo divertido, lúdico e excitante para o seu público leitor, não podemos perder de vista este início conturbado do skate pelas ruas das grandes cidades. Em uma entrevista com o skatista carioca Leonides Melo, ele nos revelou que,

> No início dos anos 70 era visível o olhar de reprovação das pessoas quando saíamos nas ruas com a pranchinha (refere-se ao skate) na mão procurando as ladeiras e calçadas, já que não havia pistas. Até mesmo em casa, as mães principalmente, achavam perigoso. Recordo até hoje dos inúmeros conselhos da minha mãe e avó sobre os carros e os perigos em função da prática do skate, que pela inexistência de espaço próprio, era invariavelmente praticado nas ruas.[14]

É possível colocarmos, portanto, que por despertar a excitação nos mais jovens e o receio nos mais velhos, por criar momentos de lazer, mas também problemas com transeuntes e autoridades de trânsito, e por ser visto tanto como uma prática lúdica quanto como uma prática perigosa, a inserção do skate no Brasil – principalmente nas cidades citadas – antes de existirem as pistas ou as ruas de lazer, nos induzem a pensar numa certa pluralidade de representações e campos de sentido. Isso, de fato, nos interpela a refletir sobre o skate em sua construção histórica e discursiva no interior de práticas e iniciativas específicas.

Além disso, ao observarmos este início do skate no país também somos levados a negar qualquer interpretação que o busque em algum essencialismo. Com base nos escritos de Michel Foucault, é possível afirmarmos que o

[13] Revista *Veja*, 3 de novembro de 1976, p. 70.

[14] Em entrevista realizada no dia 02/12/2009.

skate, enquanto um objeto capaz de produzir diferentes códigos de conduta e provocar agrupamento sociais, "foi inventado, fabricado, produzido por uma série de mecanismos e de pequenos mecanismos" (FOUCAULT, 1996, p. 15).

Nos próximos tópicos, observaremos que no início da década de 1970 – além de continuar em jogo esses sentidos do perigo e do lazer – o skate, durante a primeira metade desta década, não apresentou uma marcação de fronteiras definida, o que esfumaçava sua identidade e fazia com que ele fosse apresentado como uma derivação do ato de surfar, ou, mais precisamente, como um "surf de asfalto".

NAS ONDAS DO SURF

Além do Rio de Janeiro, portanto, a cidade de São Paulo também serviu de palco para os momentos iniciais da configuração do skate no país. Encontramos um dos primeiros registros sobre a prática do skate (e também já relacionado ao surf) nas páginas da revista *Veja*, em sua edição do dia 24 de outubro de 1973, quando ela noticiou - pela primeira vez desde que foi fundada - o "mais novo divertimento" dos jovens paulistanos: o "surfe de asfalto"[15]. De acordo com esta reportagem,

> [...] descer as mais íngremes ladeiras de dois dos mais elegantes bairros de São Paulo – o Morumbi e o Pacaembu – e fazer durante a descida as mais incríveis firulas que a imaginação e a temeridade podem despertar é o mais novo divertimento de um grupo de jovens paulistas.[16]

Interessante notarmos que não havia, por parte da redação da *Veja* na época (a matéria não é assinada) outro termo para significar os movimentos executados pelos skatistas em suas descidas pelas ladeiras. Hoje não há dúvida que ela se reportaria a esses movimentos como "manobras radicais"[17]. Mas o skate na época não era ainda um "esporte radical". Chamar os movimentos de "incríveis firulas", portanto, era o mais próximo que a revista conseguiu

[15] Revista *Veja*, 24 de outubro de 1973, p. 58.

[16] Revista *Veja*, 24 de outubro de 1973, p. 58.

[17] Com o desenvolvimento do skate, também as mídias começaram a retratar a atividade com maior atenção. Já no final da década de 1980, por exemplo, a revista *Veja* analisava a edição de um vídeo sobre skate, intitulado "Skate: o esporte emoção (Phonix Home Video)" e ao descrever os movimentos de alguns skatistas, como as de Rogério Antigo, escrevia que ele, "assim como outros atletas, forjou manobras radicais – um jargão de skate usado para definir movimentos de difícil execução". Revista *Veja*, 3 de fevereiro de 1988, p. 84.

chegar daqueles movimentos que eram, de acordo com a reportagem, muito "semelhantes ao surfe"[18].

Embora seja uma prática bem mais antiga que o skate, os momentos iniciais da configuração do surf como esporte ocorreu somente durante a primeira metade do século XX, em particular na Costa Oeste dos Estados Unidos, lugar onde surgiram os primeiros clubes de surf na Califórnia. Antes disso, ele já era praticado na Polinésia, sobretudo no Havaí, mas com significados muito diferentes. De acordo com Cleber Augusto Gonçalves Dias, pesquisador do Laboratório de História do Esporte e do Lazer, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a prática do surf foi iniciada pelos polinésios, mas a partir de conotações religiosas e cerimoniais que não implicavam seu uso esportivo. A descoberta do surf ocorreu por intermédio do explorador britânico James Cook (1728 – 1779), quando este, chegando ao Havaí, deparou-se com "a incrível cena de homens flutuando sobre as águas" (DIAS, 2009, p. 44).

Após ser incorporada pela cultura dos lazeres norte-americana, o surf passou a tomar dimensões bem diferentes, tornando-se um esporte associado à juventude, à contemplação da natureza e aos prazeres corporais. Ao analisar aspectos relacionados ao processo de formação e desenvolvimento desta atividade nos Estados Unidos, Cleber Dias apontou que o surf,

> [...] difundiu-se maciçamente na esteira do desenvolvimento da contracultura, dos símbolos de identificação da juventude e da indústria do entretenimento norte-americano, sobretudo o cinema. Associado ao aparecimento de um novo estilo de vida, que através de uma permanente celebração do prazer, se apresentava menos comprometido com o sistema de valores dominantes – especialmente a ética do trabalho e da produtividade -, o esporte rapidamente se transformou num símbolo de identificação coletiva para a juventude dourada da Califórnia. (DIAS, 2008, p. 56).

Se desde a década de 1950 a presença do surf em produções cinematográficas norte-americanas tem se apresentado como um importante vetor para o aumento no número de praticantes, sua popularização em outros países, como no Brasil, também apresentou relações com a sétima arte. De acordo com o historiador Rafael Fortes, no cinema nacional, "quatro filmes destacaram o surfe na passagem dos anos 70 para os 80: *Nas ondas do surf, Nos embalos de Ipanema, Menino do Rio* e *Garota Dourada*" (FORTES, 2009, p.

[18] Revista *Veja*, 24 de outubro de 1973, p. 58.

421), sendo que o filme *Nas ondas do surf,* produzido no ano de 1978, além de difundir o surf como um estilo de vida, também apontou o skate como uma atividade que se desenvolveu a partir deste esporte.

A REVISTA *POP* E A ONDA DO "SURF NA RUA"

A construção da prática do skate apresentou uma relação de intensa simbiose com a prática do surf. Havia uma relação de estilo e de comunicação estética entre o corpo do surfista e o corpo do skatista. A revista *Pop*, em sua edição de janeiro de 1974, por exemplo, noticiou – pela primeira vez e sob o título de "A nova onda é o surf na rua" - a prática do skate. Logo após o título da matéria, líamos: "Cada ladeira é um desafio emocionante. É preciso ter equilíbrio, coragem e reflexos rápidos. É a incrível aventura do skate, ou o surf na rua, a nova curtição que já tomou conta de toda a patota"[19].



Figura 2: Jovens praticando o "surfe de asfalto" no bairro do Morumbi em São Paulo.

Fonte: Revista *Pop*, n. 36, 1974, p.37.

[19] Revista *Geração Pop*, n. 36, janeiro de 1974.

De fato, como podemos visualizar na figura acima e como explicado pelos próprios skatistas entrevistados pela reportagem, para praticar o "novo esporte" era preciso "ter equilíbrio". Segundo um dos skatistas, "como no surf, todas as manobras são feitas com um leve movimento do corpo: à direita, para quem quer virar à direita, ou vice-versa"[20]. Revelava-se, portanto, uma característica típica dessas novas atividades oriundas da Califórnia e que estavam se introduzindo no cotidiano das práticas juvenis, elas investiam mais numa flexibilidade física atenta aos gestos de equilíbrio do que no acúmulo de forças para o levantamento de algum peso, o que fazia do corpo menos um suporte do gesto do que sua expressão. Desta forma, iniciar-se na prática do skate significava dar menos evidência às questões corporais que envolviam força muscular e uma maior atenção ao equilíbrio corporal, controlado sob tênues movimentos de braços e pernas.

A descoberta do corpo como um objeto de comunicação através de uma série inusitada de gestos e movimentos evidenciava um desejo por aventuras e deslizamentos os mais variados, sendo o aprendizado de tais modalidades um questão de conquistar, através do corpo - ou "in-corporar" – essas novas possibilidades de movimento e frenesi estético. Diferentemente dos esportes mais tradicionais, essas novas atividades pouco contavam com técnicos ou treinadores, o que também dava a sensação, para seus jovens praticantes, de uma maior liberdade na escolha do que fazer ou não fazer, de até aonde ir ou parar... Enfim, tratava-se de práticas que prometiam, para além do controle e da disciplina, certas liberdades intersticiais que passavam a ser percebidas como "estilos de vida"[21].

Ao observar o que chama de "práticas emergentes contemporâneas", o professor Deibar René Herrera, da Universidade del Cuaca, na Colômbia, afirmou ser possível percebermos nestas novas atividades outras formas de construção do corpo já diferentes daquelas apontadas por Michel Foucault através de seus estudos sobre as instituições disciplinares, as quais evidenciavam, sobretudo, a formação de corpos dóceis[22]. Para Herrera, faz-se importante admitirmos que o mundo contemporâneo também vem configurando outros usos do corpo que já não estão de acordo somente com a sociedade

[20] Idem, p. 37.

[21] Segundo a antropóloga Rita Amaral, "estilo de vida" seria a "forma pela qual uma pessoa ou um grupo de pessoas vivenciam o mundo e, em conseqüência, se comportam e fazem escolhas". AMARAL , Rita. Estilo de Vida. Disponível em: <http://www.aguaforte.com/antropologia/estilo.htm>. Acesso em: 19 dez. 2008.

[22] A esse respeito, ver: FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.

disciplinar e nem necessitam da obediência de outros tempos. Usos do corpo, em sua visão, que se formaram a partir dessas novas práticas culturais juvenis e que se constituíram enquanto práticas de subjetivação por gerarem certas sensibilidades e oportunidades de criação; ou um novo *sensorium*, como diz, ou ainda uma celebração da vida através da intensificação das paixões e na invenção de espaços para compartilhar com pares um série de vivências e excitações lúdicas (HERRERA, 2009, p. 1- 19).

Para muitos jovens, o fascínio despertado pela prática do skate parecia não ser muito diferente do fascínio despertado pela prática do surf. Como colocou o pesquisador Peter Arnold (ARNOLD, 1977, p. 11), a prática do skate motivou diversos jovens na década de 1970 porque oferecia a mesma excitação que o surf, mas com a vantagem de poder ser desfrutada por todos aqueles que não tinham acesso às praias. Como prática urbana, o skate foi visto por diversos segmentos juvenis como uma estimulante mistura de velocidade, habilidade e diversão.

Como colocamos, não foi por adjetivos estranhos a esses que a revista *Pop* retratou, pela primeira vez em sua edição, a prática do skate. "Desafio emocionante", "equilíbrio", "aventura", "curtição" etc. A construção deste conjunto de significados, todavia, buscou traduzir o que os skatistas encontravam em suas descidas pelas ladeiras, no caso dessa reportagem, na ladeira do Morumbi, em São Paulo. Assim, ao significar o skate para um público leitor jovem não necessariamente praticante desta atividade, a revista *Pop* colaborou na divulgação do skate como algo pertinente as "curtições" da juventude, inclusive buscando "orientações" e "dicas" com skatistas mais experientes para que os iniciantes procurassem evitar os tombos, algo certamente constante nesta atividade.

Andar de skate, ou "surfar no asfalto", além de ser uma prática divertida, que mexia com o equilíbrio corporal e com a imaginação de seus praticantes, também era noticiada como uma atividade que envolvia riscos e possibilidades de "quedas duras". Deste modo, aceitando a possibilidade de machucar-se ao praticar skate, tais jovens passavam a redefinir as concepções de corpo geralmente difundidas pela sociedade, isto é, a busca pela sua preservação física. A relação entre a prática do skate e o risco sempre iminente da queda demonstrava outros vieses na concepção acerca dos cuidados com o corpo, pois a possibilidade de ferir-se era algo constante, o que fazia com que os ferimentos passassem a ser encarados de um modo um tanto quanto corriqueiro. Quebrar partes do corpo, como um braço ou um pedaço do dente, passava a figurar como uma das características do skate, uma atividade que,

como colocou a revista, começava a se transformar numa "mania"[23] entre os jovens no país.

Deste modo, em sua edição de abril de 1976, a *Pop* elaborou uma matéria com Amado Bonfim, skatista de vinte e quatro anos de idade, tido como um jovem experiente no assunto para dar "um show de segurança, ensinando como cair sem quebrar a cara"[24]. De acordo com a reportagem da revista,

> Quem transa skate sabe muito bem: o tombo é inevitável e, muitas vezes, independe até da perícia de cada um. Por isso, mais importante que ignorá-lo é saber enfrentá-lo em qualquer situação. Aqui, *Pop* dá as principais dicas sobre como cair de skate sem se ralar todo. E, para tanto, foi buscar o orientação de quem realmente entende do assunto: Amado Bonfim de Souza, o Amado. (Revista *Pop*, n. 42, 1976, p. 76).

Além de se preocupar com os tombos, ou melhor, com ensinamentos sobre as maneiras de evitá-los, a revista também buscava ser didática ao abordar os nomes das manobras de skate que, na época, eram uma imitação dos nomes e movimentos do surf. Assim, em sua edição de dezembro de 1975, a *Pop* buscou explicar para seus jovens leitores a relação corporal entre o skate e o surf. Valendo-se de um painel com quatro fotografias (reproduzidas a seguir), ela deixava explícito que "os nomes das posições do skate são os mesmos do surf".



Figura 3: Revista *Pop*, n. 38, 1975, p. 60.

[23] Revista Veja, 24 de outubro de 1973, p. 58.

[24] Revista *Pop*, n. 42, 1976, p. 73.

Ainda nesta reportagem, que foi intitulada: "Skate: no asfalto, sacando as manhas do surf", a revista destacava que o skate, na época, contava com mais praticantes no Rio de Janeiro – os quais eram "geralmente surfistas" - que em São Paulo, citando "as ladeiras da prainha, na Tijuca, as paredes do Cobral, em Humaitá, e o parque Guinle, no Machado" como os principais lugares praticados pelos skatistas cariocas. No início muito exercido por surfistas ou simpatizantes do surf como uma espécie de treino para esta atividade, o destaque dado aos movimentos do corpo, exemplificado pelas imagens (figura 3), ajudava a demonstrar a similitude tanto dos movimentos quanto dos nomes das manobras. A postura corporal exigida para a prática do skate, de acordo com a revista, era a mesma praticada no surf. Acerca disso, a *Pop* colocava que,

> Os braços abertos, o corpo oscilando, joelhos dobrados e os dedos dos pés segurando as bordas da prancha: nas manobras mais ouriçadas do skate, todo o corpo entra em ação. As maiores feras do surf concordam em que o skate é ideal para manter a forma e dar prática aos iniciantes (Revista *Pop*, n. 38, dezembro de 1975, p. 60).

Visto como um desdobramento do surf, o skate foi tido como um "surf de rua", um apêndice da prática do surf. A esse respeito, em sua edição de março de 1976, a revista *Pop* exibiu, ao longo de três páginas, uma série de fotografias de skate em associação com fotografias de surf. Na reportagem, escrita por Eduardo Athayde, era colocado que tanto "no skate, como no surf, os movimentos são semelhantes, e o que importa é jogar o corpo conforme o ritmo das ondas"[25]. No entanto, como a matéria deixava claro, embora a semelhança entre o skate e o surf fosse grande, essas práticas ocupavam hierarquias diferentes entre os adeptos, os quais na época eram – muitos – tanto surfistas quanto skatistas. Deste modo, a revista dizia que "o skate é um estágio quase obrigatório para quem quiser virar uma fera (no surf)", trazendo também a seguinte afirmação do surfista norte-americano Owl Chapman, "o surf, pra mim, é a fórmula 1; o skate, a fórmula 2", e lembrava que "todo surfista é um bom skatista". Finalizando a matéria, a *Pop* registrava,

> Qualquer manobra de surf pode ser repetida no skate, desde que a rua esteja desimpedida e que não passem carros, é claro. Na mesma descida, manobrando com os braços e regulando a velocidade com as pernas,

[25] Revista *Pop*, n. 41, março de 1976, p. 28.

> você derrapa, sai de costas. E até entuba, exatamente como acontece no surf. (Revista *Pop*, n. 41, março de 1976, p. 28).

Mesmo ao relacionar o skate ao surf de modo a colocar o surf como atividade principal e o skate como uma espécie de cópia dessa atividade, afirmamos que esta relação foi positiva para o skate nesses momentos iniciais de sua inserção no país. O que garantiria ao skate ser visto como um lazer juvenil e não como uma brincadeira infantil? Ser associado ao surf foi muito positivo para que o skate pudesse, ao final da mesma década, começar seu processo de esportivização. Lembramos que, diferentemente do skate, o surf no início da década de 1970 já era considerado um esporte, contava com campeonatos, federações e era cultuado pela juventude "dourada" da época, sendo inclusive capa da quarta edição da revista *Pop*[26], edição que também dedicou oito páginas com reportagens e fotos sobre esta atividade[27].

Para o skate, ser associado ao surf era não ser associado a brincadeiras infantis, logo, ser associado à juventude e não à infância. Esse ponto foi fundamental para que o skate não entrasse no campo das representações infantis pela quais passaram outros aparelhos lúdicos, como o carrinho de rolimã, por exemplo.

Destacado pela revista *Pop* como uma "aventura" ou um "desafio emocionante", o skate teve seu passaporte liberado para invadir os sonhos e desejos dos jovens leitores como algo que pudesse preencher seus anseios por "curtir a vida" e, principalmente – após a inserção desta prática num processo de esportivização - passou a servir como um objeto simbólico na construção da identidade desses jovens sujeitos. Deste modo, como nos lembrou Eric Dunning, é o próprio desenvolvimento do esporte que "proporciona a identificação de grupo" (ELIAS, 1992, p. 324), sendo que os membros desse grupo não demorariam a ser identificados a partir da prática que representam.

No caso do skate, após seu desmembramento do surf, seus praticantes passariam a ser social e culturalmente identificados, num processo de indi-

[26] Revista *Pop*, n. 4, fevereiro de 1973.

[27] Logo após essa edição, a revista Pop voltou a noticiar o surf, com uma reportagem especial em 6 páginas sobre as grande ondas do Havaí. Revista *Pop*, n. 11, setembro de 1973. E já em sua edição de número 28, por exemplo, ela, além de publicar uma matéria ensinando a surfar, também sorteou 10 pranchas de surf para seus leitores. Revista *Pop*, n. 28, dezembro de 1974.

vidualização social[28], como skatistas. E o skate, com o desenvolvimento das pistas, rampas e manobras de vertigem (como os saltos e aéreos) tornar-se-ia um dos mais conhecidos e praticados esportes radicais da contemporaneidade.

Artigo recebido em 16 de junho de 2010.
Aprovado em 8 de setembro de 2010.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira de. *A modernização da imprensa (1970 – 2000).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ARNOLD, Peter. *Hamlyn Book of skateboarding*. London: The Hamlyn Publishing Group, 1977.

BORGES, Luís Fernando Rabello. Mídia impressa brasileira e cultura juvenil: relações temporais entre presente, passado e futuro nas páginas da revista Pop. In: *INTERCOM* – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Minas Gerais, 2003.

CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens*: a máscara e a vertigem. Lisboa: Cotovia, 1990.

CHAVES, César. Anos 70. In: BRITTO, Eduardo (Org.). *A onda dura*: 3 décadas de skate no Brasil. São Paulo: Parada Inglesa, 2000.

GONZÁLEZ, F. J. E; FENSTERSEIFER, P. E. (Orgs.). *Dicionário crítico de Educação Física.* Ijuí: Unijuí, 2005.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves; MELO, Victor Andrade de. Lazer e urbanização no Brasil: notas de uma história recente (décadas de 1950/1970). In: *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 3, 2009.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. A vida vem em ondas. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 4, n. 40, jan. 2009.

_____. A mundialização e os esportes na natureza. In: *Conexões* (UNICAMP), v. 6, n. 1, 2008.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FORTES, Rafael. Os anos 80, a juventude e os esportes radicais. *História do esporte no Brasil*: do Império aos dias atuais. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de. (Orgs.). São Paulo: Editora UNESP, 2009.

[28] Compreendemos "processo de individualização", de acordo com Norbert Elias, com algo relacionado as diferenciações que emergem nas relações de interdependência entre indivíduo e sociedade. ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU, 1996.

_____. *Vigiar e punir*: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.

HERRERA, Deibar René Hurtado Herrera. In-corporar en la sociedad moderna y en las prácticas emergentes contemporaneas In: *Recorde*: Revista de História do Esporte, v.2, n.2, dez. 2009.

HONORATO, Tony. Uma história do skate no Brasil: do lazer à esportivização. ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: O LUGAR DA HISTÓRIA, 17. Coordenação Geral Sylvia Bassetto, Campinas: UNICAMP. *Anais*... São Paulo: Associação Nacional de História – Núcleo Regional de São Paulo, 2004.

MIRA, Maria Celeste. *O leitor e a banca de revistas*: a segmentação da cultura no século XX. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.

POCIELLO, Christian. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In; SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). *Políticas do corpo*: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

RAGO, Margareth. Cultura do narcisismo, política e cuidado de si. In: SOARES, Carmen (Org.). *Pesquisas sobre o corpo*: ciências humanas e educação. Campinas: Autores Associados, 2007.

SANT'ANNA, Denise Bernuzi de. Consumir é ser feliz. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; CASTILHO, Kathia (Orgs.). *Corpo e moda*: por uma compreensão do contemporâneo. Barueri/SP: Estação das Letras e Cores, 2008.

_____. Representações sociais da liberdade e do controle de si. *Revista Histórica*, São Paulo, v. 5, 2005.

_____. Cultos e enigmas do corpo na história. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa (Orgs). *Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. *O prazer justificado*: História e lazer (São Paulo, 1969/1979). São Paulo: Marco Zero, 1994.

THORNTON, Sarah. *Club cultures*: music, media and subcultural capital. Hanover/EUA: Wesleyan University Press of New England, 1996.

VIGARELLO, Georges. D'une nature....l'autre: Les paradoxes du nouveau retour. In: POCIELLO, Christian (Org.). *Sports et Sociétés*: approche socio-culturelle de pratiques. Paris: Vigot, 1987.

FONTES

DEPOIMENTOS ORAIS

Entrevista com João Bruno Leonardo Júnior (23/04/2009).

Entrevista com Leonides Melo (02/12/2009).

INTERNET

http://video.google.com/videoplay?docid=7604199527388618857#. Acesso em: 1º jul. 2010.

http://www.aguaforte.com/antropologia/estilo.htm. Acesso em: 19 dez. 2008.

JORNAIS E REVISTAS

Revista *Pop*, n. 4, fevereiro de 1973.

Revista *Veja*, 24 de outubro de 1973.

Revista *Pop*, n. 36, janeiro de 1974.

Revista *Pop*, n. 28, dezembro de 1974.

Revista *Manchete*, 25 de outubro de 1975.

Revista *Pop*, n. 38, 1975.

Revista *Pop*, n. 41, março de 1976.

Revista *Veja*, 3 de novembro de 1976.

Revista *Pop*, n. 42, 1976.

Revista *Pop*, n. 72, 1978.

Revista *Veja*, 26 de dezembro de 1979.

Revista *Veja*, 3 de fevereiro de 1988.

Jornal *O Globo*, 13 de janeiro de 2005.

Revista *Tribo Skate*, n. 113, 2005.